



MADALENA SÁ FERNANDES

SÓTÃO



COMPANHIA DAS LETRAS

1

O sótão da minha infância era um território separado do resto do mundo. Um sítio sem tempo, entre o pó e a luz. Tinha protagonistas só seus. Na minha memória, a cama de rede onde me balouçava por horas, os mapas amarelados, que exerciam um fascínio que só os mapas conseguem exercer, e também o globo. Naquele ambiente de madeira, esconso, tudo me dava a sensação de me encontrar num convés. Com os pés, pressionava as vigas de madeira e balouçava até quase bater com a cabeça no tecto. A rede, presa numa das vigas, denunciava uma tensão. Havia, no atrito das cordas na madeira, uma regularidade, um som constante, um ranger que lembrava uma porta emperrada. Ali, para cima e para baixo, eu balouçava. Habituei-me a balouçar. Foi aí que percebi que viajar não implica necessariamente distância, apenas ritmo.

Continuo este movimento de mim contra o tecto, de mim contra a infância. Só sei escrever se for assim a balouçar, para cima, para baixo, para cima, para baixo.

2

É preciso dizer o que significava subir. Lembro-me do sótão de infância pelas pernas. Subia as escadas de viés, os calcanhares levantados para não acordar o meu pai. Sabia de cor quais os degraus que não rangiam.

O pó comportava-se como pólen. Cheirava a pinho velho e a lã dos casacos.

Os santos de gesso, partidos no Natal anterior, fiscalizavam a meteorologia, uns com olhos pintados de azul, outros com o nariz colado de novo. Eram eles quem primeiro ouvia a chuva a martelar nas telhas e que aceitavam a nossa economia. Ali, o meu pai e eu decidíamos como repartir brinquedos. Criávamos opinião com as mãos. As aranhas faziam teias entre o baú e a claraboia.

O meu pai passava como um alce.

As gavetas estreitas guardavam o que não cabia nos dias: um pião sem ponteira, uma fotografia, um cinto com ferrugem na fivela, um baralho de cartas incompleto. Tudo falava baixo e pedia pouca ciência. A caixa com conchas de praias diferentes, uma espiga seca que alguém trouxera, um saco de berlindes que ainda fazem barulho de vidro, um livro com dedicatória.

O frio de fevereiro lá em cima, eu e o meu pai de roupão e pantufas, o calor de agosto como um animal parado, a sombra de uma asa a passar na parede às quatro da tarde. Assim

passavam as estações e os anos. Lá de cima, avistavam-se quintais segmentados, telhados que afirmavam proprietários. Os gatos vadios passavam entre o aloandro e a verbena.

No chão, o nosso país de madeira inclinava-se para o poente e, mesmo assim, cabia-nos nos pés. E nós seguíamos o som com os joelhos, até encontrarmos uma ilha feita de sombra. As andorinhas treinavam baixo, rasavam o telhado como bailarinas cansadas. O telhado respondia com estalidos que faziam lembrar pinheiros na hora do calor. Os mapas do meu pai abriam clareiras na arca onde os nossos cotovelos pousavam.

Eu lá em cima, sozinha, feliz e segura. Chamavam de baixo para a sopa.

Havia álbuns de fotografias com papel vegetal, revistas dos anos 80, um vestido embrulhado em papel de seda, bonecos partidos, um postal de um farol em dia de temporal, cassetes VHS com etiquetas escritas a caneta, uma Bíblia com rebordo dourado, uma bicicleta de ginásio estragada. Estojos que perderam a cor, fósseis, pequenas estátuas. As conchas eram moeda corrente. Havia um herbário improvisado na parede, folhas presas com fita, nomes escritos a lápis, por cores, verde-escuro, verde-queimado, um quase-âmbar. Era grande, o pasto de coisas sem dono.

É preciso lembrar o pó fino pousado nas traves, o retângulo de luz que a janela desenhava no chão, os passos dos pompos no telhado, como dedos impacientes. A lupa de cabo negro e peso bom na mão — passava pelos selos do álbum verde (aviões oblíquos, países que já mudaram de nome), pela asa de uma traça morta, pelo grão de areia preso no verniz da viga, pelo vinco antigo. O carimbo, que eu ansiava poder usar, como nos filmes.

O meu pai inclinado, a fazer um *puzzle* de um quadro de Botticelli.

É preciso lembrar a mala de cartão com fechos baços, o projetor de *slides*, o lençol pendurado, um ecrã improvisado, numa tarde de setembro. Um casaco antigo, com o forro a abrir e o meu nome cosido a ponto pequeno, uma fita métrica que, quando esticada, se prendia na farpa da madeira.

O tecto media a minha estatura com mão de pai, e nenhum perigo do mundo alcançava o meu pescoço.

Como me separei e era preciso um lugar para ficar, um lugar onde pudesse dar banho às minhas filhas e deitá-las, como era preciso estar tranquila, como era preciso que fosse um sítio sossegado, longe o suficiente do resto, e como não tinha condições para pagar uma moradia inteira, arrendei um sótão.

Como era preciso começar por algum lado, comecei pelo sótão. Achei que aqui ia reconquistar tudo. A infância, a liberdade e a escrita.

A escolha de um sótão provavelmente foi movida pela familiaridade com esta arquitetura. E talvez tenha sido movida também por uma vontade de ir para cima. Visitei vários rés-do-chão, até caves enquadradas nos mesmos valores, mas a ideia de descer, especialmente nesta fase, trazia-me angústia. A necessidade de subir impôs-se, talvez para criar a ilusão de que esta mudança traduziria um progresso, o que é contraditório com o que sinto.

Depois de uma separação, num novo ambiente, abre-se um vazio que assusta. Vir para um sótão devolveu-me algum valor de intimidade.

Peço comida e ligo aos meus pais enquanto preparo tudo para a refeição que chega já pronta. Nunca telefonei tantas vezes aos meus pais como agora, que sou adulta e independente. Não me sinto a mulher corajosa que imaginei vir a ser.

Bato com a cabeça nas traves de madeira e tenho de andar curvada, sinto que o meu corpo se está a adaptar à forma do sótão, e vice-versa, como um ninho se molda ao corpo de um pássaro.

As traves são de madeira antiga, escurecida pelo tempo, cheias de pequenos riscos e sulcos. Vejo manchas de humidade, manchas esverdeadas e cinzentas que se espalham, lembrando mapas sobre as superfícies, sugerindo infiltrações antigas.

A casa é um corpo vivo. Esta casa fala. Ouço o ranger da madeira, o estalar das paredes, e as folhas da palmeira a arranharem o telhado, por causa do vento. As dobradiças dos armários da cozinha, ligeiramente enferrujadas, rangem como se reclamassem do movimento.

O sótão conversa. Começo a usar muito mais os *phones*, porque me fazem impressão estes ruídos noturnos. O escuro aumenta os sons. O soalho range sem motivo, como se se movesse por si só. As paredes estalam a intervalos imprevisíveis, num som seco, que lembra o de um fósforo a ser riscado rapidamente. Às vezes, ouço um barulho distante, um bater leve que parece vir da tubulação da água, talvez ar preso que se liberta, um ruído oco, quase mecânico, que parece vagar pelas paredes e chegar até mim de forma abafada.

Há uns dias, ouvi barulhos por cima de mim. Nas primeiras semanas, tive de aceitar que havia ratos a caminhar em cima da minha cabeça. Mas estes barulhos pareciam diferentes, pareciam passos humanos. Parei a série que estava a ver na televisão e levantei-me do sofá. Imóvel, olhei para cima. Nessa noite, estava sozinha em casa. Liguei aos meus pais, à Polícia e ao Sr. João, o mediador imobiliário que me ajudou a encontrar

esta casa e com quem estabeleci uma relação mais ou menos próxima. Ele foi ter comigo, levantou o alçapão que dava para a parte de cima e esforçou-se por me tranquilizar. Quis garantir-me que era impossível serem ratos. Mas, para mim, as alternativas seriam muito piores. Ratos, ele assegurou que não eram, porque a desinfestação feita há semanas os tinha «eliminado na totalidade». Passos de pessoas, ele também se esforçou bastante para me explicar que seria impossível, uma vez que o espaço entre o meu tecto e o telhado só daria para uma pessoa estar deitada. A terceira opção foi recusada pelo meu ceticismo: espíritos. Havia, claro, uma quarta opção, indiciada pelo Sr. João, por exclusão de partes: que tinha sido tudo da minha imaginação. Não fiquei convencida.

Uma das minhas memórias mais antigas, e das poucas que guardo dos meus pais juntos, é de umas obras em casa, de estarem a furar o tecto, do pó fino no ar e do aparecimento quase mágico de umas escadas de madeira.

O sótão da minha infância era mais esconso do que este. Só o conheci quando os meus pais se separaram. A minha mãe não habitou o sótão, não o conheceu.

O meu pai fez por construí-lo de forma a parecer logo antigo. Na verdade, ele já existia, e o meu pai apenas o abriu e o tornou um lugar para ele. Ali, vivia sozinho. Foi lá que passou a dormir.

Na minha separação, fiz o mesmo. É num sótão que estou. Sótão é separação, como sinónimos. Separação obriga à abertura de um espaço entre dois objetos, ou duas pessoas, ou dois níveis. Esse espaço tem de ter uma forma, e para mim essa forma é o sótão.

O sótão do meu pai era todo em madeira. Recordo-me do gira-discos e de uma garrafa gigante com muitos isqueiros lá dentro. Dos tapetes e dos colchões empilhados nas zonas esconsas. Da secretária, cheia de papéis e mapas, como se ele estivesse sempre na iminência de partir para um país distante. Um globo empoeirado no canto. Um telescópio perto da janela, que ele nunca usava. Era grande, pesado, com um brilho discreto

de metal envelhecido. A sua presença tinha um peso próprio, como se sugerisse um uso passado, um desejo que não se cumpriu, uma visão que nunca chegou a acontecer. O meu pai parecia cercado de possibilidades de fuga, mas não saía do sótão.

Tudo ali representava quem o meu pai era quando estava sozinho, quando não era nem pai, nem marido, nem qualquer outra coisa em relação aos outros. Apenas ele, cercado pelos seus mapas, o seu telescópio, os seus isqueiros sem chama.

Sótão

Lugar mítico da infância, mas também da loucura. Arquivo da nossa história, e do seu mistério. Abrigo ingénuo, ou esconderijo de fantasmas e fantasias. Quantas vidas cabem num sótão? Entre o pó e os ruídos da madeira, Madalena Sá Fernandes revisita episódios íntimos, memórias de violência e relações que deixaram marcas, balança entre a aprendizagem da autonomia e a ternura da maternidade, mostra como o corpo aprende a adaptar-se à solidão.

Espaço inclinado entre o chão e o céu, é no sótão que se acumulam objetos sem uso, histórias que ninguém conhece, fotografias por arrumar, medos que persistem. Mergulhando neste lugar de clausura e de criação, a autora interroga a própria ideia de casa: abrigo, prisão, promessa, ficção. Madalena Sá Fernandes entrega-se ao silêncio para que se escute a sua escrita. Um sótão, afinal, nunca está vazio. Arquitetado sobre a ideia de um movimento perpétuo entre passado e futuro, *Sótão* inscreve-se na tradição das narrativas que são uma chave para o presente que partilhamos.



«Cada segredo tem um espaço só seu, de que cedo aprendemos a manter distância. Os segredos devem ficar onde pertencem, nos lugares escuros e distantes. Vivem no sótão. Não os vemos sempre, mas sabemos que existem. Quero provocar os segredos, mesmo que não chegue a desvelá-los. Um segredo é o que nos constitui sem se mostrar.»



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

  [companhiadasletrasportugal](https://www.instagram.com/companhiadasletrasportugal)

ISBN: 978-989-583-624-6



9 789895 836246